

Cooperação energética entre Venezuela e Irã: uma análise desde a perspectiva sistêmica

Ana Karolina Morais da Silva¹
Beatriz dos Santos Abreu²
Renan Silvestro Alencar Silva³

Recibido: 30/11/2021

Aceptado: 15/07/2022

RESUMO

Neste artigo, buscamos analisar a cooperação energética entre Venezuela e Irã sob o contexto de transição hegemônica. Concluímos que, além de diminuir os impactos das sanções sobre suas respectivas produções petrolíferas, a cooperação energética entre ambos os países confronta a estratégia energética dos Estados Unidos e pode impactar a transição hegemônica em nível sistêmico.

Palavras-chave: Recursos energéticos; Transição hegemônica; Venezuela; Irã.

¹ Mestranda em Integração Contemporânea da América Latina (PPGICAL) e Bacharel em Relações Internacionais e Integração pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Atualmente é bolsista de pós-graduação pela mesma instituição (DS/UNILA). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Estratégicos, Geopolítica e Integração Regional (NEEGI). Desenvolve pesquisas nas áreas de Segurança Internacional, Geopolítica e Integração Regional, com ênfase nos impactos da transição hegemônica para a periferia do Sistema Internacional. E-mail: anakmorais96@gmail.com.

² Mestranda em Relações Internacionais (PPGRI) na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Professora da Escola Nacional de Formação em Relações Internacionais. Pesquisadora do Grupo Interdisciplinar de Estudos e Investigação Sob Capitais Transnacionais, Estado, Classes de Governo e Conflito na América Latina e Caribe (GIEPTALC). Realiza pesquisas na área de Segurança nas Relações Internacionais, em específico sobre o conflito irregular e não-convencional que se desenvolve na Venezuela atualmente. E-mail: abreubeat@gmail.com.

³ Mestrando em Integração Contemporânea da América Latina (PPGICAL) e Bacharel em Geografia pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Pesquisador do Núcleo de Estudos Estratégicos, Geopolítica e Integração Regional (NEEGI). Desenvolve pesquisas nas áreas de Geopolítica e Estratégia, com ênfase na reascensão chinesa e transição hegemônica. E-mail: silvestroenator@gmail.com.

Energy cooperation between Venezuela and Iran: an analysis from the systemic perspective

ABSTRACT

In this article, we aim to analyze the energy cooperation between Venezuela and Iran under the context of hegemonic transition. We conclude that, besides reducing the impacts of sanctions on their respective oil productions, the cooperation between both countries in the energy field confronts the energy strategy of the United States and may impact the hegemonic transition at a systemic level.

Keywords: Energy resources; Hegemonic Transition; Venezuela; Iran.

Introdução

O desgaste político dos Estados Unidos, que sucedeu a guerra ao terror do início dos anos 2000, concomitantemente à reascensão dos polos de poder euroasiáticos, China e Rússia, nos âmbitos econômico e militar, respectivamente, levam ao acirramento da disputa interestatal e a configuração de uma hierarquia interestatal distinta à observada nos anos 1990. Neste cenário, ainda que a confrontação direta entre as potências não esteja descartada, é mais apropriado afirmar que há uma tendência para a proliferação de conflitos internacionais de caráter irregular, desenvolvidos através de *proxies* e guerras locais prolongadas e mais ou menos intensas⁴.

Em meio à instabilidade sistêmica, ganha especial relevância a disputa por recursos energéticos necessários ao crescimento econômico das potências. O controle dos recursos energéticos

⁴ Fiori, José Luis. «A nova geopolítica das nações e o lugar da Rússia, China, Índia, Brasil e África do Sul», *Oikos Revista de Economía Heterodoxa*, no. 8, 2007, pp. 77-106; Martins, J. «Considerações finais: recomposição hegemônica e inserção internacional do Brasil», in: Martins, J. (org). *Relações internacionais contemporâneas 2012/2: estudos de caso em política externa e de segurança*, Porto Alegre, Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia (ISAPE), 2013.

mundiais é parte da estratégia estadunidense de manutenção do seu alto nível de consumo, por um lado, como também é parte da estratégia geopolítica chinesa, cujo crescimento econômico de longo prazo depende da transformação de sua matriz energética. Ademais, a indústria de petróleo e gás é um instrumento geopolítico central para a Rússia, cuja economia é extremamente sensível às variações no preço do petróleo e do gás natural⁵.

1. Transição hegemônica e a disputa por recursos energéticos

Adotando a perspectiva sistêmica, por meio da análise dos sistemas-mundo elaborada por Wallerstein, compreendemos que a hegemonia no sistema interestatal se refere à situação na qual a disputa permanente entre as chamadas «superpotências» está tão desequilibrada que uma potência pode impor sobre todas as demais as suas próprias regras para os âmbitos econômico, político-militar, diplomático e cultural. A base material para o poder de uma potência hegemônica reside na capacidade das empresas sediadas neste país de operar nas três principais áreas econômicas – produção agroindustrial, comércio e finanças – com superioridade sobre as empresas concorrentes⁶.

Sob a mesma perspectiva, Arrighi argumenta que é a capacidade de utilizar o poder dos «meios de pagamentos» na política internacional que viabiliza a construção de uma liderança e relações de influência estáveis para uma potência hegemônica. Desta forma, o Estado hegemônico não depende apenas do seu poder de convencimento

⁵ Delgado, Fernanda e Febraro, Júlia. «Cronos: China e as suas questões de segurança energética», *Caderno Opinião, FGV Energia*, ago. 2017, pp. 1-13, disponível em: http://www.fgv.br/fgvenergia/cronos_seguranca_energetica2/files/assets/common/downloads/publication.pdf (acesso em: 02 dez. 2018); Barden, Justine. *Russia exports most of its crude oil production, mainly to Europe*, U.S. Energy Information Administration (EIA), november 14 2017, disponível em: <https://www.eia.gov/todayinenergy/detail.php?id=33732> (acesso em: 10 set. 2021); Miranda Gomes, Pedro. «A alavanca energética russa: a utilização do setor de petróleo e gás como instrumento geopolítico», *Revista Brasileira de Estudos Estratégicos*, vol. 13, no. 25, Jan-Jun 2021, pp. 173-194; Silva, Fernanda; Carvalho, Cristina; Cunha, Alexandre, e Fuccille, Alexandre. «A instrumentalização do setor energético sob Putin-Medvedev (2000-2018) e o retorno russo ao tabuleiro geopolítico internacional», *Revista de Relaciones Internacionales, Estrategia y Seguridad*, vol. 16, no. 1, enero-junio 2021, pp.125–152.

⁶ Wallerstein, Immanuel. *The politics of the world economy*, Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

ou da ameaça do uso da força para exercer sua dominação sobre os demais Estados⁷.

Na atualidade, o moderno sistema-mundo passa por uma crise a qual ainda pode durar por várias décadas. Para Wallerstein, tal crise se caracteriza como um período transicional, no qual a estrutura e os processos sistêmicos oscilam profundamente. Essa instabilidade sistêmica pode desencadear a violência política e conflitos sociais, conforme Estados e grupos de interesse buscam preservar suas posições hierárquicas, e pode se prolongar por várias décadas antes de atingir um resultado final⁸.

A transição hegemônica, na contemporaneidade, se desenvolve por meio de um processo gradativo de difusão internacional de poder econômico e militar, iniciado especialmente a partir do início dos anos 2000, o qual está atrelado ao reposicionamento internacional de potências como China e Rússia. Ao mesmo tempo que os EUA competem economicamente com as potências eurasiáticas por recursos estratégicos, os três países têm buscado ampliar continuamente suas zonas de influência geopolítica a fim de reduzir a influência de potências competidoras e assegurar a estabilidade de suas alianças⁹.

Consequentemente, a competitividade internacional tem se dado em múltiplos âmbitos, nas áreas econômica e político-militar, o que leva ao aumento das tensões e do risco de conflitos entre os três países¹⁰. Como resultado, em seus documentos oficiais de segurança e defesa dos últimos anos, as potências têm reforçado suas percepções de ameaça em relação umas às outras. Nesses documentos, a concorrência estratégica com Rússia e China é indicada como a principal preocupação de segurança dos Estados

⁷ Arrighi, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*, São Paulo, Editora UNESP, 1996.

⁸ Wallerstein, Immanuel. *World-systems analysis: An introduction*, Durham and London, Duke University Press, 2004.

⁹ Putten van der, Frans-Paul; Rood, Jan, and Meijnders, Minke. *Great powers and global stability. Clingendael Monitor 2016*, The Hage, The Clingendael Institute, May 2016, disponível em: https://www.clingendael.org/sites/default/files/pdfs/clingendael_monitor2016-great_powers_and_global_stability-eng_0.pdf (acesso em: 20 abr. 2021); Salgado Rodrigues, Bernard e da Rosa Martins, Carlos Eduardo. "O sistema Tiānxià (天下) como estratégia do Zhōngguó (中国) - Reflexões sobre a transição hegemônica mundial no longo século XXI", *Geosul*, Florianópolis, vol. 35, no. 77, dez. 2020, pp. 166-195; Teixeira Jr., Augusto. «O entorno estratégico brasileiro na geopolítica das grandes potências: a crise da Venezuela e seus impactos para o Brasil», *Centro de Estudos Estratégicos do Exército*, vol. 8, no. 1, jan./jun, 2020, pp. 7-25.

¹⁰ Putten van der, F; Rood, J., e Meijnders, M., *op. cit.*

Unidos, enquanto Rússia e China percebem os EUA e seus aliados (como a União Europeia e o Japão) como seus principais concorrentes. Desse modo, as três potências vêm empreendendo a modernização de suas forças armadas e estratégias de segurança¹¹.

Em meio a esse contexto, interpretamos que a disputa por recursos energéticos entre as potências é fundamental para a transição hegemônica em curso. Isto porque o petróleo, principal recurso energético no século XX e também no XXI, é uma matéria-prima indispensável para todos os tipos de processos produtivos e serviços, sendo, acima de tudo, essencial para a manutenção das forças militares dos Estados. Neste sentido, o petróleo não é apenas uma mercadoria, mas, devido à sua relevância estratégica e econômica, contribui para determinar a hierarquia no cenário internacional¹².

Conforme Boff e Ouriques:

Nesse contexto, o papel dos ciclos energéticos longos, sua influência na economia e na política, especialmente no acúmulo de riqueza e poder, assim como sua relação com os ciclos hegemônicos, parecem ser essenciais para a compreensão de processos estruturais de longo prazo. As fontes de energia, para o capitalismo contemporâneo, não são importantes apenas na fase de produção de mercadorias, mas também no seu transporte ao redor do globo; além do mais, constituem importante fonte de poder para os Estados que os controlam, como pode ser observado pelo caráter estratégico das reservas de petróleo nas duas grandes guerras mundiais¹³.

Assim, os recursos energéticos são essenciais para o desenvolvimento tanto de capacidades produtivas quanto de capacidades militares. É por esta razão que a produção petrolífera e

¹¹ Russian Federation. *Military Doctrine of the Russian Federation*. By the President of the Russian Federation, Putin, December 25th, 2014, disponível em: <https://rusemb.org.uk/press/2029> (acesso em: 22 abr. 2021); República de China. *China's Military Strategy 2015*, The State Council Information Office of the People's Republic of China, May 2015, disponível em: <https://jamestown.org/wp-content/uploads/2016/07/China%E2%80%99s-Military-Strategy-2015.pdf> (acesso em: 22 abr. 2021); United States of America. *Summary of the 2018 National Defense Strategy of the United States of America: Sharpening the American Military's Competitive Edge*, United States of America, Defense Department, 2018, disponível em: <https://dod.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/2018-National-Defense-Strategy-Summary.pdf> (acesso em: 12 set. 2021).

¹² Kerr Oliveira, Lucas. *Energia como recurso de poder na política internacional: os desafios da geopolítica do petróleo e o papel do Centro de Decisão Energética*. Tese de Doutorado em Ciência Política, Porto Alegre, UFRGS, 2012; Fuser, Igor. *Energia e relações internacionais*, São Paulo, Editora Saraiva, 2013.

¹³ Boff, Gabriela e Ouriques, Helton. «Energia e hegemonia dos Estados Unidos: uma análise do petróleo e do gás de xisto a partir da perspectiva dos sistemas-mundo», *Colombia Internacional*, vol. 96, no. 96, 2018, p. 154.

o acesso a fontes de recursos energéticos são objetos de disputa internacional. Ao final dos anos 1990, com a ascensão de Hugo Chávez (1999-2013) na Venezuela e de Vladimir Putin (2000-) na Rússia, a estrutura do mercado petrolífero global passou a ser desafiada pelos governos dos dois países, que nacionalizaram parte significativa de seus recursos petrolíferos e restringiram o acesso a estes por parte de companhias petrolíferas estrangeiras. Já no século XXI, o aumento vertiginoso da demanda chinesa e outras economias por recursos energéticos colocam ainda mais pressão sobre o mercado internacional¹⁴

Entre os anos 1990 e início dos anos 2000, os EUA passaram a buscar a dominação, direta ou indireta, de territórios que contam com alto excedente de recursos energéticos, intensificando a belicosidade de sua estratégia e ampliando sua presença militar em diversas regiões ricas em hidrocarbonetos, visando securitizar seu acesso e de seus aliados ao petróleo¹⁵. Contudo, o uso da força para controlar as principais reservas petrolíferas do mundo abalou a posição internacional dos EUA, desgastando sua capacidade de liderança¹⁶.

Dessa forma, fatores como a perda da sua credibilidade internacional, a instabilidade dos mercados petrolíferos, a crise econômica, a queda da demanda por petróleo e o discurso pró-meio ambiente, levaram os EUA a reduzirem cada vez mais a dependência energética externa e ampliarem a sua produção¹⁷. Desde 2010, a produção de petróleo nos Estados Unidos se manteve em crescimento. Em 2018, pela primeira vez em duas décadas, o país superou a produção de petróleo da Arábia Saudita e da Rússia, tornando-se o primeiro produtor de petróleo do mundo¹⁸. A partir de então, os Estados Unidos seguiram ocupando o posto de principal produtor de petróleo mundial e também como principal produtor de gás natural¹⁹.

Por sua vez, a China se insere nas disputas por recursos energéticos devido ao seu crescimento econômico e processo de

¹⁴ Pecequillo, Cristinæ Jaeger, Bruna. «Os Estados Unidos: a geopolítica e a geoeconomia da energia», *Brazilian Journal of International Relations*, vol. 8, no. 1, jan./abr. 2019, pp. 7-43.

¹⁵ Harvey, David. *O novo imperialismo*, São Paulo, Edições Loyola, 2004.

¹⁶ Kerr Oliveira, L. *op. cit.*

¹⁷ Pecequillo, C.e Jaeger, B., *op. cit.*

¹⁸ Dunn, Candase and Hess, Tim. *The United States is now the largest global crude oil producer*, U.S. Energy InformationAdministration (EIA), 12 de setembro de 2018, disponível em: <https://www.eia.gov/todayinenergy/detail.php?id=37053> (acesso em: 10 set. 2021).

¹⁹ EIA. *What countries are the top producers and consumers of oil?* U.S. Energy InformationAdministration (EIA), 26 de julho de 2021, disponível em: <https://www.eia.gov/tools/faqs/faq.php?id=709&t=6> (acesso em: 10 set. 2021).

urbanização, que atingiram margens significativas nas últimas décadas, acarretando em um aumento expressivo na demanda energética do país²⁰. De acordo com as estatísticas da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), os Estados Unidos eram o maior importador de petróleo bruto do mundo até 2017, ano em que «a China superou a maior economia do mundo, importando em média 514.000 b/d mais petróleo do que os Estados Unidos» e, no mesmo ano, «as importações chinesas totalizaram 8,426 milhões de b/d, contra 7,912 milhões de b/d para os Estados Unidos»²¹.

Devido a sua demanda por recursos energéticos, a China tem diversificado suas fontes de importação e investido na construção de infraestrutura de transporte e armazenamento de hidrocarbonetos em diversas regiões, para assegurar seu abastecimento energético. Na América Latina, a China investe em infraestrutura na Venezuela, Nicarágua, Peru e Brasil, financiando obras de energia elétrica, ferrovias, canais, gasodutos e oleodutos²².

A *Belt and Road Initiative* prevê a construção de diversos corredores de infraestrutura de transporte, energia e telecomunicações em toda a Eurásia, mas também na América Latina. Conforme Pecequillo e Jaeger, «tanto em sua dimensão terrestre quanto marítima, a interligação entre a Ásia, a Europa, a África, o Oriente Médio e potencialmente a América Latina (convidada em janeiro de 2018 para fazer parte do projeto) confronta os interesses norte-americanos em diversos setores, não só no energético»²³.

A Rússia também possui uma importante presença nas disputas em torno dos recursos energéticos, pois, em geral, a sua economia é sensível às variações nos preços do petróleo e gás natural. A capacidade energética russa é empregada como um ativo da sua política externa²⁴. Em 2016, cerca de 30% do total de petróleo bruto importado pelos membros europeus da OCDE foi fornecido pela Rússia. No mesmo ano, o país também foi o maior fornecedor de petróleo bruto para a China, superando a Arábia Saudita pela primeira vez em uma base anual²⁵.

²⁰ Corrêa, A. P. «Industrialização, demanda energética e indústria de petróleo e gás na China», in: Cintra, M; Silva Filho, E; y Pinto, E. (org). *China em transformação: dimensões econômicas e geopolíticas do desenvolvimento*, Rio de Janeiro, IPEA, 2015, pp. 189-236.

²¹ OPEC. *Annual Statistical Bulletin. 53rd edition. Organization of the Petroleum Exporting Countries*, 2018, disponível em: <https://www.opec.org/opec_web/static_files_project/media/downloads/publications/ASB%202018.pdf> (acesso em: 10 set. 2021).

²² Delgado, F. e Febraro, J., *op.cit.*

²³ Pecequillo, C. e Jaeger, B., *op. cit.*, p. 27.

²⁴ Silva, F.; Carvalho, C.; Cunha, A., e Fuccille, A., *op. cit.*

²⁵ Barden, J., *op. cit.*

Ademais, empresas russas do ramo energético – como Lukoil, Gazprom e Rosatom – têm aumentado sua presença na Europa e no Oriente Médio. No Oriente Médio, a Rosatom, empresa estatal de energia nuclear, construiu reatores no Irã e atualmente desenvolve projetos na Jordânia, no Egito e na Turquia. Ainda, a Rússia busca aproximar-se da OPEP e, juntamente com Qatar e Irã, integra o Fórum de Países Exportadores de Gás²⁶.

Existe, ainda, uma importante rede de gasodutos e oleodutos que interligam a Bacia Cáspia e a Ásia Central com a Europa Ocidental e o leste europeu que estão sob o controle russo. O controle dessa infraestrutura, crucial para a distribuição dos recursos energéticos na Eurásia, é um dos principais pilares da política externa russa. Essa centralidade estratégica não se deve somente à renda extraída da exportação dos hidrocarbonetos, mas é principalmente devida à vantagem política que o controle sobre as rotas de escoamento energético confere a Moscou – é neste sentido que os Estados Unidos buscam diminuir o controle russo sobre o fluxo energético na região²⁷.

Portanto, do ponto de vista energético, os planejamentos estratégicos de Estados Unidos e China estão voltados para a garantia da segurança energética para si e seus aliados; no caso dos Estados Unidos e da Rússia, que dispõem de grandes reservas energéticas e são importantes produtores mundiais de petróleo e gás natural, há ainda uma disputa pela produção e distribuição dos recursos energéticos, que envolve o uso político que é dado a esses recursos. Em linhas gerais, esses países buscam garantir seu controle sobre as reservas, produção, distribuição e transporte dos recursos energéticos mundiais. Na próxima seção, iremos abordar como o processo de transição hegemônica e a intensificação da disputa interestatal por recursos energéticos impactam a Venezuela e o Irã – dois importantes produtores de petróleo.

²⁶ Schutte, Giorgio. «Economia política de petróleo e gás: A experiência russa», in: Pineli Alves, André (org). *Uma longa transição: Vinte anos de transformações na Rússia* Brasília, IPEA, 2011, pp. 81-136; Trenin, Dmitri. *Russia in the Middle East: Moscow's objectives, priorities and policy drivers*, Carnegie Endowment for International Peace, 2016, disponível em: https://carnegieendowment.org/files/03-25-16_Trenin_Middle_East_Moscow_clean.pdf (acesso em: 10 set. 2021)..

²⁷ Klare, Michael. *Blood and oil: the dangers and consequences of America's growing dependency on imported petroleum*, New York, Holt Paperbacks, 2005.

2. A estratégia de estrangulamento econômico contra a Venezuela e o Irã

Venezuela e Irã são territórios centrais para a disputa interestatal por recursos energéticos – o Irã possui a terceira maior reserva mundial de petróleo, e a Venezuela é o país que possui as maiores reservas mundiais do hidrocarboneto. Além de serem importantes produtores de petróleo, as localizações destes países também lhes conferem relevância estratégica para o escoamento de recursos energéticos em suas respectivas regiões, o Oriente Médio e o Caribe/ América Latina²⁸.

Ambos países passaram por processos políticos que levaram seus governos a adotarem uma política externa autônoma em relação aos Estados Unidos. Em 1979, a Revolução Islâmica do Irã deu início a um processo de profundas transformações sócio-políticas no país, acompanhadas por um distanciamento do Irã em relação ao mundo ocidental e de nacionalização dos recursos energéticos iranianos. Tal processo pode ser exemplificado pelo episódio de ocupação da embaixada dos EUA e pelo sequestro dos diplomatas, seguido pelo rompimento das relações diplomáticas entre Irã e Estados Unidos. Cabe ressaltar que, antes do processo revolucionário que se desenvolveu no país, o Irã era um importante aliado dos Estados Unidos na região do Golfo Pérsico, realidade que se transformou após a revolução²⁹.

Em 1999, a Venezuela também passou por um profundo processo de transformações sócio-políticas. Por meio da Revolução Bolivariana, foi elaborado um projeto de Estado mais protecionista, quando comparado às décadas que antecedem os governos de Hugo Chávez. O Estado Bolivariano passou a ter maior controle sobre suas reservas energéticas e as rendas advindas da exportação e produção do petróleo. Nessa época, a Venezuela aspirava a se tornar uma liderança em nível regional, o que desafiava os interesses estadunidenses na região do Caribe e América Latina³⁰.

²⁸ OPEC. *Annual Statistical Bulletin. 56th edition. Organization of the Petroleum Exporting Countries, 2021*, disponível em: https://asb.opec.org/ASB_Charts.html?chapter=126#tabs-130 (acesso em: 30 nov. 2021).

²⁹ Tourinho, Marcos. «O Acordo Nuclear com o Irã: o papel e as contribuições das sanções internacionais», *Academia*, vol. 24, no. 1 e 2, Jul./Dez. 2015.

³⁰ Lopes, Mariana de Oliveira. *Imperialismo, petróleo e revolução bolivariana: Impasses político-ideológicos do governo Chávez na Venezuela*. Tese de Mestre. São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista «Julio de Mesquita Filho», 2009.

Portanto, dada a relevância estratégica de Venezuela e Irã, uma política de pressão máxima é empregada contra ambos por parte dos EUA e de seus principais aliados ocidentais, com o objetivo de fomentar a instabilidade político-econômica e debilitar a capacidade de produção petrolífera em ambos países. No Irã, as sanções econômicas podem ser analisadas em quatro fases distintas. A primeira fase se dá logo após a Revolução de 1979, e é caracterizada pelo embargo econômico unilateral, por parte dos Estados Unidos, à importação de petróleo do país, somado ao controle de armas. Tal restrição ocorreu como consequência do fim das relações diplomáticas entre Irã e EUA pós-revolução. Desde a primeira fase das sanções, o objetivo final esteve concentrado em pressionar o governo iraniano para um processo de troca de regime no país³¹.

A segunda e a terceira fases ocorreram entre 2006 e 2015. Na segunda fase, o programa nuclear iraniano é inserido dentro da agenda do Conselho de Segurança da ONU, que virou pauta do Conselho por meio de uma petição da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), visando impedir que o país seguisse desenvolvendo tecnologia nuclear. Na terceira fase, as sanções econômicas unilaterais iniciadas pelos EUA são aprofundadas, através da ampliação das restrições econômicas até o setor privado, com o objetivo de prejudicar as relações econômicas do Irã com o mercado internacional³².

A quarta fase, em curso desde 2010, é marcada pela decisão de outros países ocidentais em se somarem às medidas coercitivas contra o Irã. Os Estados Unidos, França e Reino Unido de forma consensuada, passaram a incluir nas resoluções do Conselho de Segurança o exercício da vigilância sobre qualquer pessoa ou entidade suspeita de estar envolvida com o programa nuclear iraniano. Além disso, em 2010, a União Europeia passou a impor restrições pontuais a bancos que estavam envolvidos de alguma forma com o programa nuclear iraniano. Em 2012, as sanções da UE se ampliaram por meio de um embargo econômico contra o país, que se estendeu desde o setor financeiro e consequente bloqueio dos fundos do Banco Central do Irã na Europa, até restrições sobre o transporte e comércio de petróleo e gás³³.

Em julho de 2015, foi aprovado pelo Conselho de Segurança da ONU um acordo nuclear com o Irã, assinado pelo P5 + 1, que compreendia China, Rússia, Estados Unidos, Reino Unido, França e

³¹ Tourinho, M., *op. cit.*

³² *Ibidem.*

³³ *Ibidem.*

Alemanha. O acordo buscava reduzir o enriquecimento de urânio na indústria nuclear iraniana e, sob o pacto, Teerã se comprometeu a reduzir dois terços das centrífugas de enriquecimento de urânio. A partir do acordo, as sanções financeiras e econômicas empregadas contra o Irã seriam retiradas de forma gradativa³⁴.

Contudo, em 2018, durante o governo de Donald Trump, os Estados Unidos se retiraram do acordo e, no mesmo ano, as sanções econômicas foram retomadas, o que levou a uma retração de 6,8% do PIB iraniano em 2019. A partir da saída dos Estados Unidos do acordo, o Irã também se recusou a continuar cumprindo o estipulado entre as partes, pois a energia nuclear faz parte do programa nacional de defesa do país. As novas sanções contra o Irã estão voltadas a sete empresas do ramo petrolífero, incluindo a empresa chinesa Jiangyin Mascot Special Steel e a Accenture Building Materials, dos Emirados Árabes Unidos, o que trouxe consequências diretas para a produção de petróleo iraniano, acentuando o cenário de crise econômica e desemprego no país.

Em geral, as sanções impostas contra o Irã têm como objetivo trazer efeitos econômicos ao país, a fim de inviabilizar o desenvolvimento do seu programa nuclear e debilitar sua capacidade de produção petrolífera. Dessa forma, as sanções afetam principalmente os setores financeiro e energético iranianos. Em função das sanções, houve uma queda na produção de petróleo do país, ocasionada pelo aumento dos custos da produção, ao passo que a moeda local iraniana, o rial, também foi desvalorizada³⁵.

Além disso, de acordo com Carneiro: «A arrecadação com a venda de petróleo cai, a taxa de desemprego aumenta, os bancos iranianos não conseguem transacionar com a grande maioria dos bancos mundiais»³⁶. A partir disso, observamos que a esfera da sociedade mais impactada pelas sanções econômicas é a população civil, pois esta é diretamente afetada pela crise econômica, pelo aumento dos preços sobre os alimentos e pela escassez de medicamentos.

No caso venezuelano, assim como no iraniano, a imposição de sanções econômicas e financeiras foi posterior à diversas tentativas de golpe de Estado e retaliações por parte da comunidade

³⁴⁶ Mello, Michele de. Saiba o que está em jogo com o acordo nuclear entre Irã e Estados Unidos. *Brasil de Fato*, 23 de Outubro de 2021.

³⁵ Gomes Carneiro, Victor. *Sanções ao Irã: Como elas vêm impactando a sociedade civil iraniana?* Trabalho de Conclusão de Curso, Rio de Janeiro, Escola de Direito, Fundação Getúlio Vargas, 2013.

³⁵ Gomes Carneiro, V., *op. cit.*, pp. 65-66.

internacional. Após o fracasso dessas medidas, foi aprovada nos Estados Unidos, em 2014, a Lei de Defesa dos Direitos Humanos e da Sociedade Civil na Venezuela, que impõe sanções aos membros do atual governo venezuelano. A partir deste ano, houveram aproximadamente outras onze tentativas de golpes de Estado contra o governo bolivariano (além das que já haviam sido realizadas desde 1999), operacionalizadas pela oposição ao governo Maduro, com ativo apoio dos Estados Unidos, conforme dados do Ministerio del Poder Popular para las Relaciones Exteriores de Venezuela³⁷.

Além das tentativas de golpe de Estado, em 2015, a Venezuela foi declarada pelo governo Obama como uma ameaça inusual à segurança dos Estados Unidos. Desde então, 150 sanções unilaterais foram emitidas contra a Venezuela pela Casa Branca, União Europeia, Canadá e Reino Unido. Entre tais, estão as sanções econômicas e financeiras de 2017 e 2019, responsáveis por aprofundar exponencialmente a crise econômica que a Venezuela atravessa desde 2014³⁸.

As sanções impostas entre os anos de 2017 e 2019 foram respaldadas pela alegada defesa dos direitos humanos – contudo, seu objetivo político direto é defasar a capacidade de produção petrolífera venezuelana e, finalmente, promover a troca de regime no país. As primeiras sanções contra a Venezuela se iniciaram em agosto de 2017, quando a economia venezuelana já se encontrava em recessão havia mais de três anos. Neste primeiro momento, as sanções preconizavam impedir a Venezuela de fazer empréstimos no mercado financeiro dos Estados Unidos³⁹.

Tais sanções impediram que a Venezuela se recuperasse economicamente, aprofundando a recessão econômica iniciada em meados de 2014 em função da queda do preço do petróleo. Como resultado, as sanções econômicas e financeiras também trouxeram impactos negativos para a produção de petróleo na Venezuela, aprofundando a crise generalizada no país⁴⁰.

³⁷ Ariza, Joselyn. La verdad de Venezuela contra la infamia: datos y testimonios de un país bajo asedio, Ministerio del Poder Popular para las Relaciones Exteriores, Gobierno Bolivariano de Venezuela, 27 de septiembre de 2020, disponível em: <http://www.mpppef.gob.ve/wp-content/uploads/2020/09/La-verdad-de-Venezuela-contra-la-infamia.-Datos-y-testimonios-de-un-pais-bajo-asedio.pdf> (acesso em: 22 de nov. de 2021).

³⁸ Mello, Michelle de. Em seis anos de bloqueio, a Venezuela foi alvo de 150 sanções e 11 tentativas de golpe. *Brasil de Fato*, 08 de Outubro de 2020.

³⁹ Weisbrot, Mark e Sachs, Jeffrey. Sanções econômicas como punição coletiva: O caso da Venezuela, Center for Economy and Policy Research, Maio de 2019.

⁴⁰ *Ibidem*.

Estima-se que 90% do PIB da Venezuela seja baseado na exportação de petróleo cru⁴¹. Frente à crise econômica e política que o país atravessa nos últimos anos, agravada pelas sanções internacionais, a total dependência das exportações de petróleo para o funcionamento efetivo da economia venezuelana se torna ainda mais evidente. De acordo com Weisbrot e Sachs:

É importante enfatizar que quase toda a moeda estrangeira necessária para importar medicamentos, alimentos, equipamentos médicos, peças sobressalentes e equipamentos necessários para a geração de eletricidade, sistemas de água ou transporte é recebida pela economia venezuelana através da receita do governo proveniente da exportação de petróleo. Assim, quaisquer sanções que reduzam as receitas de exportação e, portanto, as receitas do governo, reduzem as importações desses bens essenciais e, em muitos casos, de produtos que salvam vidas⁴².

Em 2019, novas sanções estadunidenses foram impostas contra a Venezuela. Nesse momento, determinadas empresas do ramo petrolífero passaram a estar proibidas de negociar diretamente com o país, sob a pena de serem sancionadas em caso de descumprimento. Neste mesmo ano, por meio da Operación Libertad, Juan Guaidó se autoproclamou como presidente interino do país, sendo reconhecido internacionalmente por dezenas de países ao redor do globo. Nesse sentido, as sanções econômicas, paralelas à Operación Libertad, buscavam viabilizar primeiro a instabilidade econômica interna, para, posteriormente, efetivar a troca de regime no país.

Atualmente, as sanções geram um prejuízo anual de cerca de 30 milhões de dólares aos cofres públicos venezuelanos, o país é impedido de realizar transações internacionais com o dólar, e países que negociem diretamente com a República Bolivariana podem sofrer retenções bancárias ou multas⁴³. Ainda, assim como no caso iraniano, as sanções econômicas contra a Venezuela atingem diretamente a população civil. De acordo com pesquisas da ENCOVI (Encuesta Nacional de Condiciones de Vida), estima-se que houve um aumento de 31% na mortalidade no país entre 2017 a 2018. Além disso, mais de 300.000 mil pessoas permanecem em risco pela falta de medicamentos ou tratamento para doenças em função das sanções⁴⁴.

⁴¹ Senhoras, Eloi e Borges Gama Neto, Ricardo. «Petróleo como arma de poder: Uma contextualização da petro diplomacia Venezuela.

⁴² Weisbrot, M.e Sachs, J., *op. cit.*

⁴³ Mello, Michelle de. «Em seis anos...», *op. cit.*

⁴⁴ *Ibíd.*

Observamos, portanto, que as sanções econômicas e financeiras impostas contra Venezuela e Irã compõem uma estratégia de estrangulamento econômico contra os dois países, a qual se insere na competição por recursos energéticos em nível global. De maneira geral, os Estados Unidos, União Europeia e demais aliados, buscam fomentar a crise econômica em ambos países, visando debilitar a sua capacidade para produção de petróleo.

Dentre as razões para a implementação dessa estratégia de estrangulamento econômico, podemos elencar os seguintes elementos: a) ambos países contestam, com ressalvas, os interesses dos Estados Unidos e de sua influência política a partir de seus processos históricos e sociais, a Revolução Islâmica (1979) e a Revolução Bolivariana (1999); b) ambos países são importantes produtores de petróleo, recurso que constitui a base energética da economia capitalista mundial e cujo controle estratégico é fundamental para a manutenção da hegemonia estadunidense no Sistema Internacional; e c) ambos países estão localizados em regiões estratégicas para a disputa interestatal entre as potências.

A partir disso, concluímos que as sanções econômicas e financeiras contra a Venezuela e o Irã buscam deslegitimar a política externa autônoma de seus governos e debilitar a capacidade de produção petrolífera de ambos os países, desestabilizando-os do ponto de vista político-econômico. Ainda, as retaliações contra os governos de ambos países ocorrem em um contexto de disputa pelo poderio hegemônico entre as potências – é nesse sentido que os Estados Unidos buscam ampliar seu controle sobre a produção petrolífera mundial, recorrendo ao emprego de sanções internacionais para minar a capacidade produtiva de seus concorrentes. Na seção seguinte, discutiremos a cooperação entre Venezuela e Irã no âmbito energético, como uma resposta estratégica ao estrangulamento econômico adotado contra os dois países.

3. A cooperação entre Venezuela e Irã no âmbito energético

Nas últimas décadas, a aproximação de Teerã e Caracas tem enfrentado o malgrado da distância geográfica, do isolamento e das sanções causadas pela política de pressão máxima praticada pelos Estados Unidos e seus aliados próximos. Essas duas nações têm unido esforços de cooperação e ajuda mútua, contrapondo as tratativas que buscam torná-las párias internacionais, minando sua soberania e seus projetos de desenvolvimento nacional.

As relações bilaterais entre Irã e Venezuela passaram a se intensificar sob os governos de Mahmoud Ahmadinejad e Hugo Chávez no início do século XXI, quando uma aproximação começou a ser ensaiada, e um horizonte estratégico de contrabalanceamento da assertividade estadunidense contra esses dois governos passou a ser vislumbrado. A relação bilateral entre as duas nações experimentou um novo dinamismo e a cooperação bilateral começou a ganhar forma principalmente na área energética⁴⁵.

A Venezuela não era um país muito ativo dentro da OPEP até 2000, e o Irã sempre manteve uma voz própria dentro da organização. Contudo, Chávez baseou o projeto bolivariano, em parte, na diplomacia do petróleo, buscando a emergência internacional dos países do sul, e esse cenário se modificou a partir dos primeiros anos do século XXI. No plano econômico e energético, os presidentes venezuelano e iraniano firmaram uma série de acordos, com o desejo de implementar o desenvolvimento econômico endógeno baseado nos recursos petrolíferos⁴⁶.

Em 2008, os governos firmaram um convênio de ciência e tecnologia para formalizar os vínculos de cooperação no campo da energia nuclear. A possibilidade da Venezuela se converter em provedor de urânio para o país persa, a presença iraniana em regiões venezuelanas com reservas comprovadas de urânio, assim como o interesse do Presidente Chávez de desenvolver um acordo de cooperação no campo da energia nuclear com o Irã, foram alguns dos elementos que criaram tensões com forças políticas que buscam impedir o desenvolvimento do programa nuclear persa⁴⁷.

Com a morte de Hugo Chávez, em 2013, os vínculos estratégicos das duas nações foram colocados em questão. A narrativa da oposição política interna e externa era que a cooperação e aproximação entre os dois «regimes autocráticos» era somente uma estratégia de

⁴⁵ Chang, Josh. «Rogue relations under max-pressure: Iran-Venezuela bilateral engagement 2013–2020», *E-InternationalRelations*, March 8 2021, disponível em: <https://www.e-ir.info/2021/03/08/rogue-relations-under-max-pressure-iran-venezuela-bilateral-engagement-2013-2020/> (acesso em: 30 nov. 2021); O'Connor, Tom. Iran fortifies west hemisphere ties, will sign 20-year deal with Venezuela, *Newsweek*, October 28, 2021, disponível em: <https://www.newsweek.com/iran-fortifies-west-hemisphere-ties-20-year-deal-venezuela-1640029> (acesso em: 30 nov. 2021).

⁴⁶ Brun, Elodie. «Irán-Venezuela: hacia un acercamiento completo», *Politeia*, vol. 31, no. 40, 2008, pp. 19-40.

⁴⁷ Colmenares, Leopoldo. *Las relaciones entre Irán y Venezuela: implicaciones para el gobierno venezolano*, Friedrich Ebert Stiftung, Programa de Cooperación en Seguridad Regional, 2011, pp. 1-10.

sobrevivência de seus regimes políticos através de laços escusos. Porém, com a sucessão de Maduro na Venezuela e o fortalecimento da posição iraniana no embate geopolítico em torno da sua capacidade nuclear, a cooperação estratégica reativa vem construindo um novo horizonte de desafios para as políticas de pressão máxima dos Estados Unidos. Em uma carta para o povo venezuelano, o ministro de relações exteriores do Irã, Mohammad Javad Zarif, justifica a necessidade de laços cada vez mais profundos entre as duas nações e seus povos:

Quisiera comenzar explicando por qué estamos bajo una presión máxima. Voy a utilizar unas cortas frases y luego profundizaré. Estados Unidos, en particular, y el mundo industrializado occidental en general, están recurriendo a campañas de presión y al puro y simple terrorismo, por una simple razón, ellos creen, más que nosotros, que la supremacía de ellos en el mundo está a punto de terminar. El surgimiento de China, el surgimiento de nuevas potencias emergentes, el hecho de que las cosas no ocurren en Occidente, que Occidente no puede determinar lo que pasa en el resto del mundo, significa que están desesperados y es por ello que recurren al terrorismo, el terrorismo en contra del pueblo iraní, del pueblo de Venezuela; haciendo que estos pueblos no utilicen sus propios recursos⁴⁸.

Mohammad Javad Zarif, em sua carta, demonstra que os aspectos de aproximação estão relacionados com uma estratégia de resistência e ajuda mútua, extrapolando o pragmatismo e o campo ideológico, pois as condições geopolíticas e econômicas de ambos países os unem em torno de interesses e desafios mútuos.

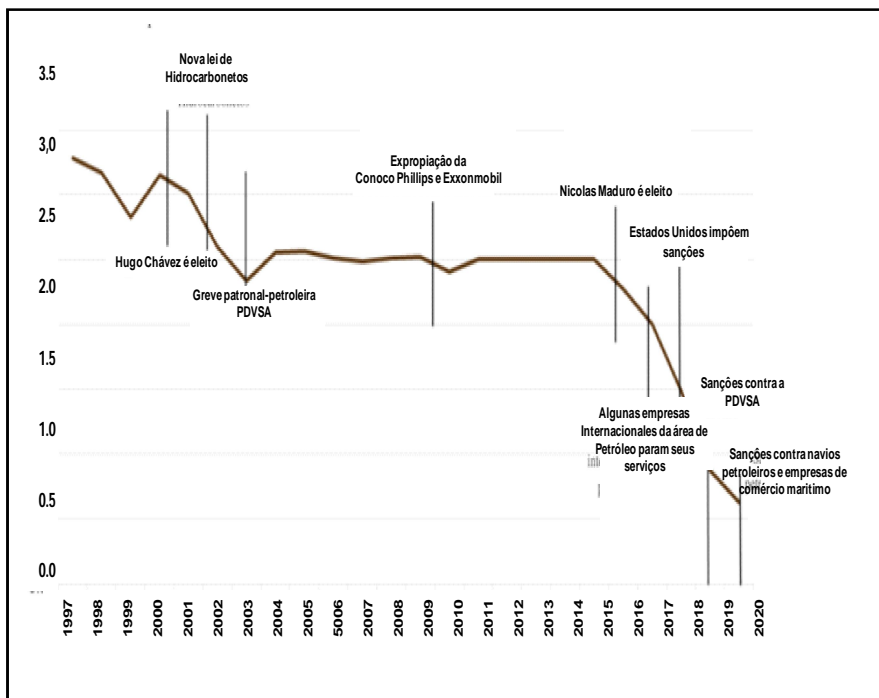
Em 2013, a Venezuela era o oitavo maior exportador de petróleo do mundo, com uma participação global de 5,1% de todas as exportações mundiais. Os Estados Unidos têm sido historicamente o principal destino do petróleo bruto da Venezuela e em 2019 todas as exportações de petróleo bruto com destino para os Estados Unidos cessaram por consequência das sanções econômicas, conforme dados da UN Comtrade Database⁴⁹.

⁴⁸ MPPRE. *Intervención del canciller Mohammad Javad Zarif en la conferencia «Venezuela e Irán en la defensa de un mundo por hacer»*, Ministerio del Poder Popular para Relaciones Exteriores, Gobierno Bolivariano de Venezuela, 12 de noviembre de 2020, s/p., disponível em: <https://mppre.gob.ve/discurso/intervencion-canciller-mohammad-javad-zarif-conferencia-venezuela-iran-defensa-mundo-por-hacer/> (acesso em: 29 nov. 2021).

⁴⁹ Os dados podem ser consultados no endereço eletrônico da base de dados: <https://comtrade.un.org/>.

Conforme o gráfico1, podemos observar que a produção média anual de petróleo bruto da Venezuela já estava em queda desde 2016, contudo, a partir da imposição das primeiras sanções econômicas e financeiras contra o país, em 2017, essa queda se intensificou de forma drástica:

Gráfico 1
Produção média anual de petróleo bruto da Venezuela
(milhões de barris por dia)



Fonte: U.S. Energy Information Administration, 2020.

Dessa forma, retomamos o debate levantado por Milton Santos (1994; 2000) sobre os sistemas técnicos mundiais e a globalização. Com o deterioramento do seu aparato técnico produtivo, causado pelas sanções, a Venezuela vem sendo excluída dos sistemas técnicos que permeiam o nível mundial. Cada região do sistema-mundo conta com sistemas técnicos, e as sanções atuam com o objetivo de restringir o acesso a esses sistemas, prejudicando a força produtiva de uma nação, atacando especialmente aparatos técnicos produtivos

dependentes tecnologicamente de relações territoriais exógenas – como no caso das refinarias venezuelanas paralisadas pelas sanções estadunidenses e pela pandemia⁵⁰.

A Venezuela busca restabelecer sua capacidade produtiva, porém, para tal, se faz necessária uma reestruturação completa dos seus aparatos técnico-produtivos, já que muito do seu polo petrolífero foi construído com tecnologia estadunidense, o que atualmente impossibilita a reprodução de suas atividades em níveis satisfatórios. A cooperação técnica com a Rússia buscava mitigar essa problemática, mas com a saída da empresa Rosneft da Venezuela em 2020, abriu-se uma necessidade de cooperação com outra empresa petrolífera a fim de reerguer sua cadeia produtiva de petróleo e combustível⁵¹.

Em situação de escassez de combustível e necessidade de apoio técnico, a Venezuela estabelece trocas diretas com o Irã, que envia para o país caribenho uma série de super-petroleiros carregados de combustível, desafiando diretamente as sanções estadunidenses e estreitando os laços de cooperação e troca entre as duas nações. Como exemplo, podemos mencionar o acordo entre a Petroleos de Venezuela (PDVSA) e a National Iranian Oil Company (NIOC) para realização de trocas do petróleo cru venezuelano pelo condensado iraniano. O acordo, oficializado em setembro de 2021, está inicialmente previsto para durar por seis meses, mas pode ser estendido no futuro⁵². No mapa abaixo, podemos observar as rotas marítimas entre os dois países, por onde o transporte de combustível iraniano para a Venezuela é feito (Ver mapa No 1).

Entretanto, o comércio marítimo entre os dois países é uma tarefa complicada, já que a presença do poder marítimo estadunidense no percurso coloca em risco a confiabilidade dos fluxos de mercadoria entre ambos. Porém, o Irã, para além do envio de remessas para a Venezuela, tem condições de dar apoio técnico às operações

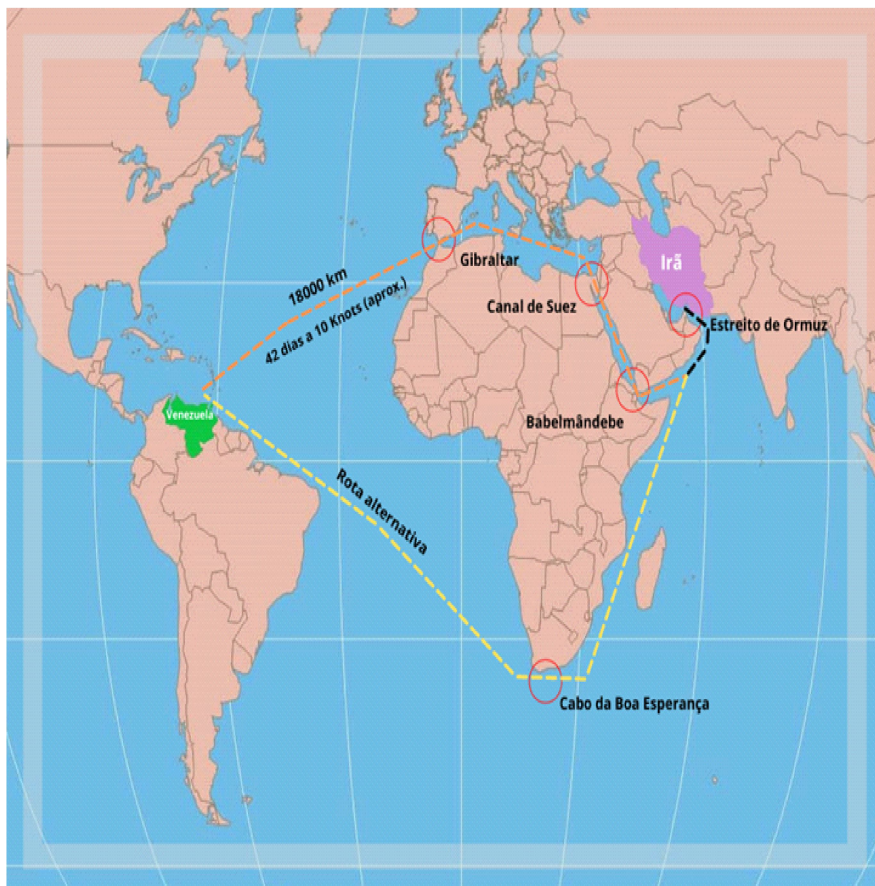
⁵⁰ Santos, Milton. *Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*, São Paulo, Edusp, 2008 (1994); Santos, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, Rio de Janeiro, Record, 2000.

⁵¹ Tétrault-Farber, Gabrielle. Russia's Rosneft terminates Venezuela operations, Reuters, March 28, 2020, disponível em: <https://www.reuters.com/article/russia-rosneft-venezuela-idUSL8N2BL0KG> (acesso em: 29 nov. 2021).

⁵² Buitrago, Deisy; Parraga, Marianna, y Spetalnick, «Matt. Under U.S. sanctions, Iran and Venezuela strike oil export deal», *Reuters*, September 25 2021, disponível em: <https://www.reuters.com/business/energy/exclusive-under-us-sanctions-iran-venezuela-strike-oil-export-deal-sources-2021-09-25/> (acesso em: 30 nov. 2021).

petrolíferas venezolanas, já que mesmo com as sanções a nação persa tem conseguido desenvolver tecnologia própria na área⁵³.

Mapa 1 Rotas marítimas entre Irã e Venezuela

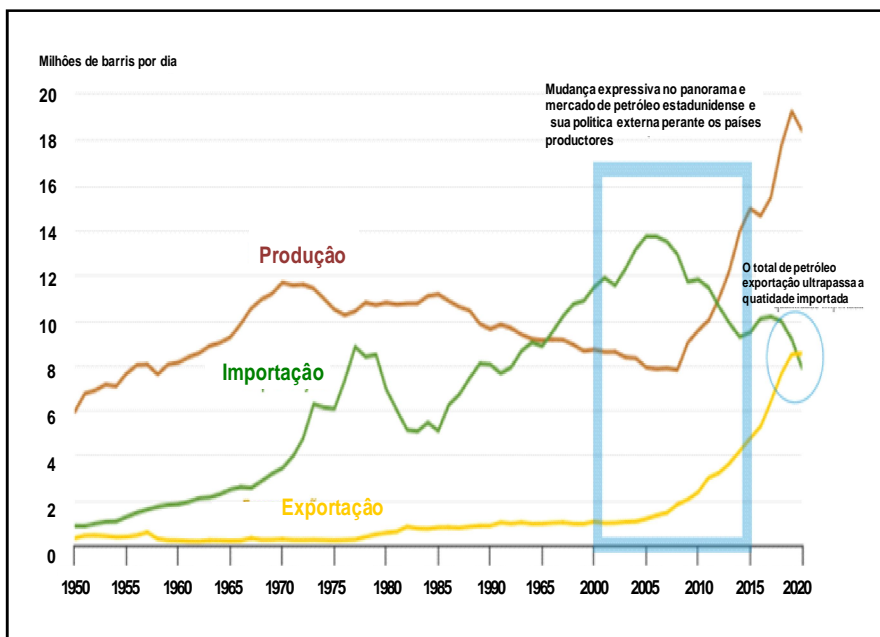


Fonte: Elaboração própria, 2022.

⁵³ Argus. Venezuela gets Iranian help to fix its refineries, April 27 2020, disponível em: <https://www.argusmedia.com/en/news/2100198-venezuela-gets-iranian-help-to-fix-its-refineries> (acesso em: 30 nov. 2021); Reuters. Venezuela receives more airlifts of refinery materials from Iran, *Reuters*, February 12, 2021, disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-venezuela-iran-refineries-idUSKBN2AC1ZH> (acesso em: 30 nov. 2021).

Contudo, o Irã não tem conseguido recuperar completamente sua capacidade de produção de petróleo bruto, sendo o petróleo venezuelano capaz de complementar a capacidade de refino iraniana. No gráfico 2, podemos observar dados de produção e consumo petrolífero no Irã entre 2011 e 2021, onde observamos uma queda significativa na produção de petróleo cru, especialmente desde 2019, logo após o recrudescimento das sanções internacionais contra o país:

Gráfico 2
Produção e consumo petrolífero no Irã (milhões de barris por dia)

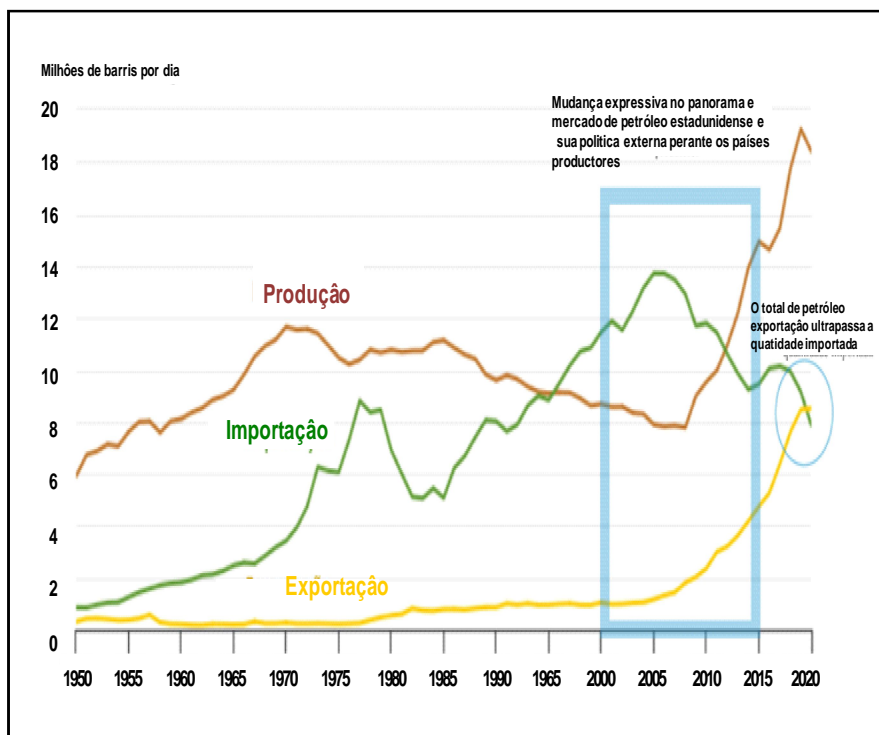


Fonte: U.S. Energy Information Administration, 2020.

Concomitantemente a esse movimento de supressão das capacidades produtivas de Venezuela e Irã, gerado pelas sanções econômicas e financeiras impostas aos dois países, observamos um crescimento na produção e exportação de petróleo nos Estados Unidos. Em 2020, as exportações de petróleo estadunidenses ultrapassaram a quantidade importada pelo país no mesmo ano pela primeira vez em uma série histórica:

Gráfico 3

Produção, exportação e importação de petróleo nos Estados Unidos (milhões de barris por dia)



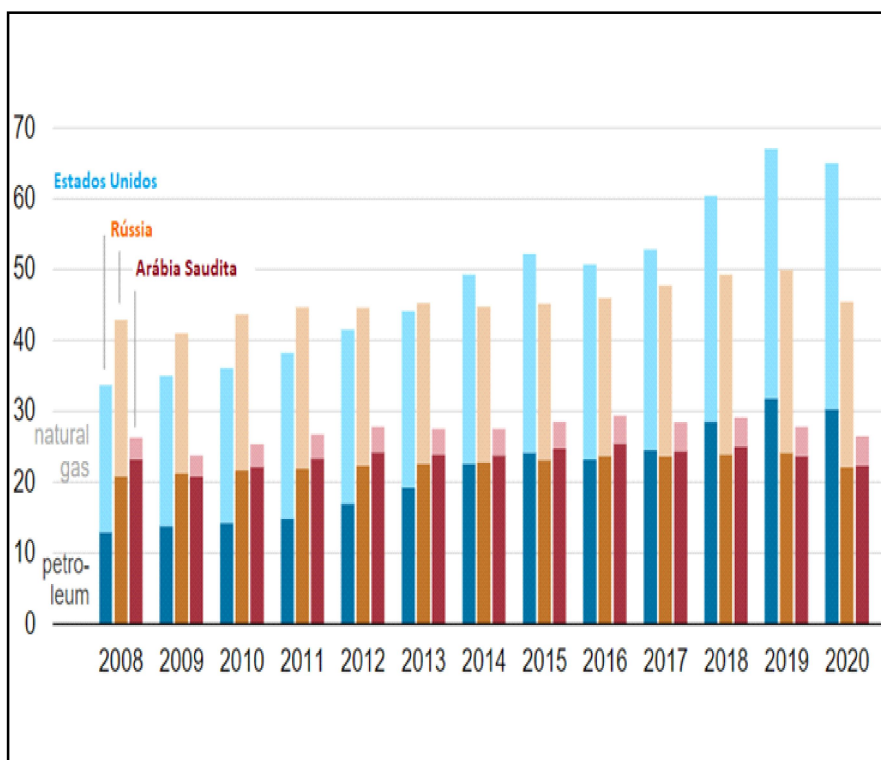
Fonte: U.S. Energy Information Administration, 2020.

Desta forma, compreendemos que as sanções contra Irã e Venezuela impactam a produção petrolífera em ambos os países, restringindo suas capacidades produtivas e o acesso a recursos financeiros. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos seguem uma tendência segundo a qual importam cada vez menos petróleo e se convertem em um produtor e exportador que compete no mercado global de energia. Tal posição foi alcançada mediante o aumento paulatino da sua produção e uma política externa agressiva contra os principais produtores petrolíferos mundiais, como Irã e Venezuela.

Desde 2010, a produção de petróleo nos Estados Unidos se manteve em crescimento. Conforme mencionado anteriormente, em 2018, pela primeira vez em duas décadas, o país superou a produção de petróleo da Arábia Saudita e da Rússia, tornando-se o primeiro

produtor de petróleo do mundo⁵⁴. A partir de então, os Estados Unidos seguiram ocupando o posto de principal produtor de petróleo mundial (e também como principal produtor de gás natural) conforme podemos analisar no gráfico 4:

Gráfico 4
Produção estimada de petróleo e gás natural nos Estados Unidos, Rússia e Arábia Saudita (2008-2020) em quadrilhões de unidades térmicas britânicas (BTU)



Fonte: U.S. Energy Information Administration, International Energy Statistics, 2021.

Nota: Petróleo inclui petróleo bruto, condensado e líquidos de plantas de gás natural.

Neste sentido, podemos observar que a política de pressão máxima dos Estados Unidos promove o boicote da produção petrolífera no Irã e na Venezuela, ao mesmo tempo que a própria produção e

⁵⁴ Dunn, C. and Hess, T., *op. cit.*

exportação estadunidense de petróleo cresce a cada ano. Trata-se de uma estratégia para monopolizar cada vez mais a produção petrolífera mundial, em um contexto em que a demanda chinesa por recursos energéticos cresce constantemente, e a Rússia utiliza sua capacidade energética como recurso de poder geopolítico na Eurásia. Dessa forma, o controle sobre o mercado petrolífero gera maiores possibilidades para os Estados Unidos prolongarem sua hegemonia e fazerem frente aos seus principais concorrentes, China e Rússia, nos âmbitos econômico, tecnológico e militar.

Considerações Finais

Os Estados Unidos dispõem de grande expressividade e poder no comércio internacional. Através da influência direta ou indireta, seja ela militar, diplomática e/ou econômica, essa nação estabelece uma grande presença nas principais regiões e localidades geoestratégicas para reprodução do capitalismo e o comércio internacional atrelado a ele. Mesmo com todo esse poderio e presença global, o mundo está reestruturando seu comércio para fora da órbita de interesses estadunidenses, enquanto o mesmo luta para se manter como o principal motor do modo de produção capitalista, sendo o representante do Ocidente na busca liderança do sistema internacional.

Nos últimos anos, o processo de descentralização das economias mundiais tem colocado em questão as concepções de globalização e livre comércio, enquanto determinadas nações constroem novas formas de inserção internacional e difusão de suas forças produtivas fora do alinhamento automático com as potências centrais ocidentais. Irã e Venezuela, desalinhados com essa ordem vigente, articulam a sobrevivência de suas capacidades produtivas e soberania, mesmo diante da pressão das forças hegemônicas.

A relação entre Venezuela e Estados Unidos, desde a ascensão do Chávez em 1999 tem sido de confronto amplo onde esferas sociais, econômicas e diplomáticas têm gestado contradições históricas e irremediáveis. Já o histórico de litígio e contradições dos Estados Unidos com o Irã tem atingido novos patamares depois de décadas de intervenções militares no Oriente Médio e pouco avanço estratégico dos EUA na região, redesenhando a região geopoliticamente, em um cenário cada vez mais complexo no qual o Irã consolida sua autonomia e condições de resposta a presença estadunidense, inserindo-se no sistema internacional através dos seus próprios termos.

No decorrer do século XXI, o conflito dos Estados Unidos com esses dois países tem escalado pela ofensiva estadunidense e sua

estratégia de máxima pressão, enquanto os países alvos dessa política têm criado uma rede de cooperação que visa exaurir e evidenciar as contradições dessa campanha direcionada contra as economias nacionais que não se alinham com os EUA. Neste contexto, a cooperação energética entre Irã e Venezuela, que em um primeiro momento se configura como uma estratégia de resistência à pressão econômica gerada pelas sanções internacionais, possui o potencial para interferir na estratégia energética dos Estados Unidos. E, caso ambos países desenvolvam a cooperação bilateral ao ponto de recuperarem suas capacidades produtivas no setor petrolífero, isto pode afetar os fluxos de petróleo em nível mundial, desarticular a monopolização promovida pelo Estado norte-americano e, assim, impactar a própria transição hegemônica em curso – que hoje depende, em grande medida, das disputas por recursos energéticos.

Referências

- Argus. Venezuela gets Iranian help to fix its refineries, April 27 2020, disponível em: <https://www.argusmedia.com/en/news/2100198-venezuela-gets-iranian-help-to-fix-its-refineries> (acesso em: 30 nov. 2021).
- Ariza, Joselyn. *La verdad de Venezuela contra la infamia: datos y testimonios de un país bajo asedio*, Ministerio del Poder Popular para las Relaciones Exteriores, Gobierno Bolivariano de Venezuela, 27 de septiembre de 2020, disponível em: <http://www.mppef.gob.ve/wp-content/uploads/2020/09/La-verdad-de-Venezuela-contra-la-infamia.-Datos-y-testimonios-de-un-pais-bajo-asedio.pdf> (acesso em: 22 de nov. de 2021).
- Arrighi, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*, São Paulo, Editora UNESP, 1996.
- Barden, Justine. *Russia exports most of its crude oil production, mainly to Europe*, U.S. Energy Information Administration (EIA), november 14 2017, disponível em: <https://www.eia.gov/todayinenergy/detail.php?id=33732> (acesso em: 10 set. 2021).
- Boff, Gabriela e Ouriques, Helton. «Energia e hegemonia dos Estados Unidos: uma análise do petróleo e do gás de xisto a partir da perspectiva dos sistemas-mundo», *Colombia Internacional*, vol. 96, no. 96, 2018, pp. 149-176.
- Brun, Elodie. «Irán-Venezuela: hacia un acercamiento completo», *Politeia*, vol. 31, no. 40, 2008, pp. 19-40.

- Buitrago, Deisy; Parraga, Marianna, y Spetalnick, «Matt. Under U.S. sanctions, Iran and Venezuela strike oil export deal», *Reuters*, September 25 2021, disponível em: <https://www.reuters.com/business/energy/exclusive-under-us-sanctions-iran-venezuela-strike-oil-export-deal-sources-2021-09-25/> (acesso em: 30 nov. 2021).
- Chang, Josh. «Rogue relations under max-pressure: Iran-Venezuela bilateral engagement 2013–2020», *E-International Relations*, March 8 2021, disponível em: <https://www.e-ir.info/2021/03/08/rogue-relations-under-max-pressure-iran-venezuela-bilateral-engagement-2013-2020/> (acesso em: 30 nov. 2021).
- Colmenares, Leopoldo. *Las relaciones entre Irán y Venezuela: implicaciones para el gobierno venezolano*, Friedrich Ebert Stiftung, Programa de Cooperación en Seguridad Regional, 2011, pp. 1-10.
- Corrêa, A. P. «Industrialização, demanda energética e indústria de petróleo e gás na China», in: Cintra, M; Silva Filho, E; y Pinto, E. (org). *China em transformação: dimensões econômicas e geopolíticas do desenvolvimento*, Rio de Janeiro, IPEA, 2015, pp. 189-236.
- Delgado, Fernanda e Febraro, Júlia. «Cronos: China e as suas questões de segurança energética», *Caderno Opinião, FGV Energia*, ago. 2017, pp. 1-13, disponível em: http://www.fgv.br/fgvenergia/cronos_seguranca_energetica2/files/assets/common/downloads/publication.pdf (acesso em: 02 dez. 2018).
- Dunn, Candace and Hess, Tim. *The United States is now the largest global crude oil producer*, U.S. Energy Information Administration (EIA), 12 de setembro de 2018, disponível em: <https://www.eia.gov/todayinenergy/detail.php?id=37053> (acesso em: 10 set. 2021).
- EIA. *What countries are the top producers and consumers of oil?* U.S. Energy Information Administration (EIA), 26 de julho de 2021, disponível em: <https://www.eia.gov/tools/faqs/faq.php?id=709&t=6> (acesso em: 10 set. 2021).
- Fiori, José Luis. «A nova geopolítica das nações e o lugar da Rússia, China, Índia, Brasil e África do Sul», *Oikos Revista de Economía Heterodoxa*, no. 8, 2007, pp. 77-106.
- Fuser, Igor. *Energia e relações internacionais*, São Paulo, Editora Saraiva, 2013.
- Gomes Carneiro, Victor. *Sanções ao Irã: Como elas vêm impactando a sociedade civil iraniana?* Trabalho de Conclusão de Curso, Rio de Janeiro, Escola de Direito, Fundação Getulio Vargas, 2013.
- Harvey, David. *O novo imperialismo*, São Paulo, Edições Loyola, 2004.

- Kerr Oliveira, Lucas. *Energia como recurso de poder na política internacional: os desafios da geopolítica do petróleo e o papel do Centro de Decisão Energética*. Tese de Doutorado em Ciência Política, Porto Alegre, UFRGS, 2012.
- Klare, Michael. *Blood and oil: the dangers and consequences of America's growing dependency on imported petroleum*, New York, Holt Paperbacks, 2005.
- Lopes, Mariana de Oliveira. *Imperialismo, petróleo e revolução bolivariana: Impasses político-ideológicos do governo Chávez na Venezuela*. Tese de Mestre. São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista «Julio de Mesquita Filho», 2009.
- Martins, J. «Considerações finais: recomposição hegemônica e inserção internacional do Brasil», in: Martins, J. (org). *Relações internacionais contemporâneas 2012/2: estudos de caso em política externa e de segurança*, Porto Alegre, Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia (ISAPE), 2013.
- Mello, Michelle de. Em seis anos de bloqueio, a Venezuela foi alvo de 150 sanções e 11 tentativas de golpe. *Brasil de Fato*, 08 de Outubro de 2020.
- Mello, Michele de. Saiba o que está em jogo com o acordo nuclear entre Irã e Estados Unidos. *Brasil de Fato*, 23 de Outubro de 2021.
- Miranda Gomes, Pedro. «A alavanca energética russa: a utilização do setor de petróleo e gás como instrumento geopolítico», *Revista Brasileira de Estudos Estratégicos*, vol. 13, no. 25, Jan-Jun 2021, pp. 173-194.
- MPPRE. *Intervención del canciller Mohammad Javad Zarif en la conferencia «Venezuela e Irán en la defensa de un mundo por hacer»*, Ministerio del Poder Popular para Relaciones Exteriores, Gobierno Bolivariano de Venezuela, 12 de noviembre de 2020, disponível em: <https://mppre.gob.ve/discurso/intervencion-canciller-mohammad-javad-zarif-conferencia-venezuela-iran-defensa-mundo-por-hacer/> (acesso em: 29 nov. 2021).
- O'Connor, Tom. Iran fortifies west hemisphere ties, will sign 20-year deal with Venezuela, *Newsweek*, October 28, 2021, Disponível em: <https://www.newsweek.com/iran-fortifies-west-hemisphere-ties-20-year-deal-venezuela-1640029> (acesso em: 30 nov. 2021).
- OPEC. *Annual Statistical Bulletin. 53rd edition. Organization of the Petroleum Exporting Countries*, 2018, disponível em: https://www.opec.org/opec_web/static_files_project/media/downloads/publications/ASB%202018.pdf (acesso em: 10 set. 2021).

- OPEC. *Annual Statistical Bulletin. 56th edition. Organization of the Petroleum Exporting Countries, 2021*, disponível em: https://asb.opec.org/ASB_Charts.html?chapter=126#tabs-130 (acesso em: 30 nov. 2021).
- Pecequillo, Cristinae Jaeger, Bruna. «Os Estados Unidos: a geopolítica e a geoeconomia da energia», *Brazilian Journal of International Relations*, vol. 8, no. 1, jan./abr. 2019, pp. 7-43.
- Putten van der, Frans-Paul; Rood, Jan, and Meijnders, Minke. *Great powers and global stability. Clingendael Monitor 2016*, The Hage, The Clingendael Institute, May 2016, disponível em: https://www.clingendael.org/sites/default/files/pdfs/clingendael_monitor2016-great_powers_and_global_stability-eng_0.pdf (acesso em: 20 abr. 2021).
- República de China. *China's Military Strategy 2015*, The State Council Information Office of the People's Republic of China, May 2015, disponível em: <https://jamestown.org/wp-content/uploads/2016/07/China%E2%80%99s-Military-Strategy-2015.pdf> (acesso em: 22 abr. 2021).
- Reuters. Venezuela receives more airlifts of refinery materials from Iran, *Reuters*, February 12, 2021, disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-venezuela-iran-refineries-idUSKBN2AC1ZH> (acesso em: 30 nov. 2021).
- Russian Federation. *Military Doctrine of the Russian Federation*. By the President of the Russian Federation, Putin, December 25th, 2014, disponível em: <https://rusemb.org.uk/press/2029> (acesso em: 22 abr. 2021).
- Salgado Rodrigues, Bernarde da Rosa Martins, Carlos Eduardo. «O sistema Tiânxià (YN) como estratégia do Zhôngguó (-NýV) - Reflexões sobre a transição hegemônica mundial no longo século XXI», *Geosul*, Florianópolis, vol. 35, no. 77, dez. 2020, pp. 166-195.
- Santos, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, Rio de Janeiro, Record, 2000.
- Santos, Milton. *Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*, São Paulo, Edusp, 2008 (1994).
- Schutte, Giorgio. «Economia política de petróleo e gás: A experiência russa», in: Pineli Alves, André (org). *Uma longa transição: Vinte anos de transformações na Rússia*, Brasília, IPEA, 2011, pp. 81-136.
- Senhoras, Eloi e Borges Gama Neto, Ricardo. «Petróleo como arma de poder: Uma contextualização da petrodiplomacia venezuela nas relações internacionais», *Meridiano 47*, vol. 10, no. 105, abr. 2009, pp. 24-26.

- Silva, Fernanda; Carvalho, Cristina; Cunha, Alexandre, e Fuccille, Alexandre. «A instrumentalização do setor energético sob Putin-Medvedev (2000-2018) e o retorno russo ao tabuleiro geopolítico internacional», *Revista de Relaciones Internacionales, Estrategia y Seguridad*, vol. 16, no. 1, enero-junio 2021, pp.125–152.
- Teixeira Jr., Augusto. «O entorno estratégico brasileiro na geopolítica das grandes potências: a crise da Venezuela e seus impactos para o Brasil», *Centro de Estudos Estratégicos do Exército*, vol. 8, no. 1, jan./jun, 2020, pp. 7-25.
- Tétrault-Farber, Gabrielle. Russia's Rosneftterminates Venezuela operations, *Reuters*, March 28, 2020, disponível em: <https://www.reuters.com/article/russia-rosneft-venezuela-idUSL8N2BL0KG> (acesso em: 29 nov. 2021).
- Tourinho, Marcos. «O Acordo Nuclear com o Irã: o papel e as contribuições das sanções internacionais», *Academia*, vol. 24, no. 1 e 2, Jul./Dez. 2015.
- Trenin, Dmitri. *Russia in the Middle East: Moscow's objectives, priorities and policy drivers*, Carnegie Endowment for International Peace, 2016, disponível em: https://carnegieendowment.org/files/03-25-16_Trenin_Middle_East_Moscow_clean.pdf (acesso em: 10 set. 2021).
- United States of America. *Summary of the 2018 National Defense Strategy of the United States of America: Sharpening the American Military's Competitive Edge*, United States of America, Defense Department, 2018, disponível em: <https://dod.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/2018-National-Defense-Strategy-Summary.pdf> (acesso em: 12 set. 2021).
- Wallerstein, Immanuel. *The politics of the world economy*, Cambridge, Cambridge University Press, 1988.
- Wallerstein, Immanuel. *World-systems analysis: An introduction*, Durham and London, Duke University Press, 2004.
- Weisbrot, Mark e Sachs, Jeffrey. *Sanções econômicas como punição coletiva: O caso da Venezuela*, Center for Economy and Policy Research, Maio de 2019.